



## Crônica da Cidade

PATRICK SELVATTI | patrickselvatti.df@dabr.com.br

### Tradição, fé e consumo

O supermercado está cheio como se todo mundo tivesse tido a mesma ideia ao mesmo tempo. Carrinhos se cruzam, vozes se sobrepõem e, entre os corredores congestionados e as filas no caixa, há uma pressa de dar conta de tudo antes que o calendário avance. É véspera de Sexta-feira Santa e a família avança pelos corredores como quem participa de um ritual sem cerimônia.

A mãe para diante do freezer dos pescados e suspira, longo, quase indignada. O preço do bacalhau salta aos olhos como um desaforo. Ela inclina o corpo, aproxima

o rosto da etiqueta, confere de novo, como se o número pudesse ceder por insistência, mas não cede. Reclama baixo, o suficiente para que o marido escute e as crianças percebam que há algo de errado naquele pedaço de peixe que, de repente, vale mais do que deveria.

“Um absurdo”, ela verbaliza, no que tem o apoio de outra consumidora com calculadora a mão.

No entanto, ainda assim, o bacalhau vai para o carrinho da família. Talvez menor, talvez em menos quantidade, talvez substituído por outro peixe mais acessível, mas vai. Porque não é só o preço que conta, mas é preciso manter de pé alguma coisa que vem de antes, mesmo que adaptada.

“Espero o ano todo por este dia”, ela argumenta. Ao que o marido questiona: “Mas é proibido comer noutra ocasião

quando certamente é mais barato?”

No corredor seguinte, o mundo é outro. Os ovos de chocolate — esses, sim, só surgem nesta época do ano — pendem do teto como lanternas coloridas, chamando atenção de quem passa. As crianças se soltam das mãos dos pais por um segundo, correm os olhos pelas embalagens, escolhem pelos personagens, pelos brindes, pelo tamanho do brinquedo escondido lá dentro. Não querem saber de peixe, de preço, de conta no fim e nem mesmo se o nível de cacau é 50% ou 70%. Os pequenos querem o ovo que fala, acende e promete mais do que chocolate:

“Esse! Não, esse aqui!”

A mãe ainda tenta argumentar e o pai olha de longe, calculando silenciosamente. Há negociação, tentativa de impor limite, aquele teatro conhecido de toda família

em supermercado. O tal do “na volta a gente compra” surge, porém, no fim, ao menos um ovo de Páscoa caríssimo entra no carrinho. E a caixa de bombons sortidos para que os adultos também possam adotar a boca.

Mais adiante, quase como quem não quer nada, o pai encosta no setor de bebidas. É seu refúgio; ali, ele passa a mão pelas latas, escolhe marcas com familiaridade, e há um certo alívio no gesto. A promessa da quaresma está perto do fim e, após 40 longos dias, o sábado de aleluia se anuncia como uma pequena redenção pessoal. Na sequência, no açougue, agora sem a esposa, exhibe embalagens de carnes diversas, entre picanhas, maminhas, asinhas de frango e linguças toscanas. Para o churrasco pós-penitência, não há limite de preços,oras!

Assim, entre o bacalhau superfaturado, o chocolate desejado e o churrasco aguardado, o carrinho segue pesado até o caixa. Ali, a mãe ainda hesita diante do total. Já as crianças seguram seus ovos com ansiedade contida. Por sua vez, o pai empurra o carrinho com um meio sorriso que projeta o fim de semana todo. E, sem perceber, todos atravessam juntos esse intervalo curioso entre contenção e excesso.

No domingo, quando a mesa estiver posta para a Páscoa, logo após a missa ou culto sagrada (o) que é tradição familiar, talvez ninguém se lembre do supermercado, mas da importância de se celebrar a morte e a ressurreição de Cristo.

E a história da Semana Santa continua acontecendo nesses pequenos acordos cotidianos onde a fé encontra espaço mesmo entre prateleiras e orçamentos apertados.

**DESENVOLVIMENTO SOCIAL /** O DF convive com expansão da população em situação de rua e políticas públicas de acolhimento pressionadas pela alta vulnerabilidade. Ao todo, são 3.521 pessoas nessa condição de exclusão e violência

# Entre políticas e abandono

» DARCIANNE DIOGO

Sob o piso de pedras portuguesas, cartão-postal de Taguatinga, a Praça do Relógio divide o espaço nobre em dois. De um lado, símbolo histórico e ponto de integração entre comércio, transporte e lazer. No outro, pessoas sentadas sob lençóis gastos e a rotina de quem transformou a praça em abrigo. A cidade está entre as três regiões com maior concentração de pessoas em situação de rua do DF — atrás do Plano Piloto e de Ceilândia. Ao todo, são 3.521 pessoas nessa condição, segundo a Secretaria de Desenvolvimento Social (Sedes). O cenário pressiona o poder público e testa, na prática, a eficácia das políticas de acolhimento.

Expostos a uma combinação de abandono, violência e ausência de proteção contínua, esses moradores também figuram entre os grupos mais vulneráveis à morte violenta no DF. Em 2025, 29 pessoas em situação de rua foram assassinadas, segundo o Anuário de Segurança Pública do DF 2026. Isso corresponde a uma taxa de 823,63 mortes por 100 mil habitantes. No caso da população fora dessa condição, o índice é de 7,95 por 100 mil. Na prática, pessoas em situação de rua tiveram, em média, 104 vezes mais risco de serem vítimas de homicídio no período.

A situação de perigo, na avaliação de especialistas, exige o fortalecimento do conjunto de setores de políticas sociais, entre os quais abrangem assistência, saúde, educação, habitação, transporte e segurança pública. A efetividade reflete no repasse de recursos, na estrutura dos equipamentos e na composição da equipe multiprofissional.

A Sedes aposta em mecanismos de integração para o melhor acolhimento desse público. A população em situação de rua é acompanhada especificamente por 26 equipes do Serviço Especializado em Abordagem Social (Seas). Integram esses grupos pessoas que já estiveram, no passado, nas mesmas condições. “Essa atuação deles inclui evolução de atendimento, que é a criação de prontuário com abordagens frequentes, em que são oferecidos acolhimento e possibilidade de pernoite no Hotel Social”, destacou a secretária-adjunta da Sedes, Jackeline Canhedo.

Minervino Júnior/CB



Taguatinga está entre as três regiões com maior concentração de pessoas em situação de rua do DF

## ARTIGO

» POR: ERCI RIBEIRO, ESPECIALISTA EM POLÍTICA SOCIAL

### Faltam recursos e profissionais

A prestação de serviços voltadas às pessoas em situação de rua envolve um conjunto de fatores, principalmente dos setores das políticas sociais: assistência, saúde, educação, habitação, transporte, inclusive a segurança pública não indo de encontro às pessoas em situação de rua, mas no sentido de garantir a segurança delas e quem as cerca. Quando falamos desses setores, estamos falando da ingerência do Estado sobre a efetividade dessas políticas, como o repasse de recursos, a estrutura dos equipamentos, inclusive na composição da equipe multiprofissional.

Quando falamos dessa atenção às pessoas em situação de rua na situação atual, nós percebemos exatamente o contrário. Ainda há

baixo recurso destinado e a escassez de profissionais, pois os equipamentos estão com uma demanda reprimida alta a pensar a assistência social, poucos profissionais para atender essa demanda. Pessoas em situação de rua também têm questões no trato da saúde mental, tanto do sofrimento psíquico, quanto na atenção ao álcool e outras drogas.

Se observarmos em relação ao repasse de recursos para os equipamentos da saúde mental, ainda é muito aquém, tanto em relação à manutenção dos equipamentos, quanto também ao número de profissionais em prol da distribuição pelo número de pessoas que deverão ser atendidas. Além disso, os equipamentos como CAPS saúde mental, CAPS álcool e drogas, CAPS infância e juventude, observamos exatamente a má distribuição. São poucos CAPS em relação às regiões do DF. Ainda a gestão distrital atual muito pouco destina recurso para esses setores.

Por isso observamos algumas ações que ainda são pontuais. Quando falamos de casas de

acolhimento, o acompanhamento, o monitoramento dessas casas de acolhimento, quais são as metodologias, os resultados, eles são publicados? Sobre o Hotel Social, qual é a necessidade das equipes que atendem o hotel de passagem? Observamos que o hotel de passagem, assim como outros setores, está sob o terceiro setor. E a gestão do setor público? O recurso é suficiente? As manifestações de quem está na lida nos movimentos sociais, movimentos a organização da sociedade civil que estão atendendo a população em situação de rua, o discurso é o contrário.

O recurso não é suficiente para garantir a atenção, inclusive o processo de visibilização e também a inclusão plenamente dessas pessoas, tanto no setor do trabalho como da habitação, assim como a atenção da economia voltada para essa questão dos direitos humanos. Precisamos lembrar que qualquer pessoa está suscetível a entrar nesse cenário da situação de rua. Nenhuma pessoa está isenta da vulnerabilidade.

No DF, existem 90 unidades de acolhimento permanente. O número de vagas saltou 426% de 2019 para 2026 — 250 para 1.315. As unidades funcionam de forma diferente e são separadas por públicos, de acordo com perfil, idade, gênero e condições especiais. Para além da população de rua, o serviço é voltado a pessoas em

situação temporária de desabrigo ou vítimas de violências ou violação de direitos.

#### Pernoite

Recém-inaugurado, o Hotel Social garante 400 vagas de pernoite para a população de rua. A estrutura passou a operar em julho de 2025,

justificativa, explica a secretária. “A pessoa em situação de rua é muito solitária, confia muito pouco nas pessoas, então, a maioria deles tem pets. Percebemos que muitos não queriam ser acolhidos porque não teriam lugar para seus animais. Por isso, o Hotel Social tem um espaço exclusivo para os cachorrinhos deles e temos feito estudos para

Ações
Em 2025 e 2026 (janeiro a março)
<b>488</b> realizadas
<b>558</b> pontos visitados
<b>3.562</b> abordagens a pessoas em situação de rua
<b>2.009</b> edificações precárias retiradas

adequar este espaço também nas casas de acolhimento.”

Indagada sobre o principal entrave para o acolhimento desse público, a secretária-adjunta frisa que o serviço não é tão simples como parece, e vai além da oferta de moradia ou benefício. “É preciso criar vínculo com aquela pessoa, mostrar as oportunidades que temos para que ela possa transformar sua vida”, afirma.

Para 2026, a gestora aposta na abertura de mais uma unidade do Hotel Social e na inserção de pessoas em situação de rua no mercado de trabalho. No ano passado, a Sedes-DF e a Secretaria de Desenvolvimento Econômico, Trabalho e Renda (Sedet-DF) estabeleceram uma parceria para garantir que 2% das vagas de trabalho em licitações de serviços e obras públicas distritais sejam destinadas a esse público.

A portaria estabelece que a Sedes será responsável pelo cadastramento dos beneficiários, reunindo informações pessoais e sobre as qualificações profissionais. Além disso, também fará o acompanhamento socioassistencial dos contratados, garantindo apoio e suporte durante todo o período de trabalho. Caberá à Sedet coordenar a articulação com as empresas contratadas. A pasta receberá dos órgãos do governo os dados dos contratos firmados com empresas privadas e as informações sobre as vagas disponíveis. Será atribuição ainda o cadastro e a atualização das informações dessas pessoas no Sistema Público de Emprego (Sine), por meio da Agência de Atendimento ao Trabalhador.

### Obitório

#### Sepultamentos realizados em 3 de março de 2026

##### » Campo da Esperança

Alexandrina Rodrigues Cunha, 91 anos  
Amauri Domenino de Jesus Rodrigues, 94 anos  
Cláudia Arruda da Silva, 48 anos  
Francisco de Assis Brito, 69 anos  
João Henrique Maciel Santos, 68 anos  
Jorge Maciel da Silva, 72 anos  
José Jacinto de Miranda, 86 anos  
Marciano Brequijo de Azevedo,

62 anos  
Maria de Lourdes Oliveira Nunes, 68 anos  
Maria Rosenir Xavier de Carvalho, 87 anos  
Mariângela Fortes Bandeira de Melo, 64 anos  
Marlúcia da Conceição, 59 anos  
Stefanney Dias da Silva, menos de 1 ano  
Paula Ferreira Aquino Carrijo, 41 anos

Raimunda Alves da Rocha, 104 anos  
» **Taguatinga**  
Adão Dhorthens Monção Ribeiro, 70 anos  
Bruno Correia da Silva, 36 anos  
Cassiana Bento Mendes, 66 anos  
Davi Rodrigues Costa, 74 anos  
Davi Uriel Silva Serra, 0 anos  
Diomar Ribeiro dos Santos, 67 anos

Francisca Gorette de Souza, 69 anos  
Francisco Antônio Alves, 60 anos  
Izabel Silva Correia, 83 anos  
Terezinha Maria de Jesus, 83 anos  
Walderes Rodrigues da Silva, 90 anos  
» **Gama**  
Edson Fernandes da Silva, menos de 1 ano  
Roberto de Carvalho Silva,

81 anos  
Taylane Roberta Araújo Souza, 26 anos  
» **Planaltina**  
Francisco de Assis Rodrigues Leal, 79 anos  
Jalmira Vieira de Melo Sousa, 69 anos  
» **Brazlândia**  
Miguel da Costa Silva, menos

de 1 ano  
» **Sobradinho**  
Maria Edimar Lima da Cruz, 81 anos  
Jardim Metropolitan Hilton de As Botelho, 72 anos (cremação)  
Nélio Barbosa Sales, 56 anos (cremação)  
José Melecio Mata Diaz, 62 anos (cremação)